

Emoção, sociedade e cultura na sociabilidade urbana brasileira

Reseña del libro: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro y BARBOSA, Raoni Borges. (2015). *Da Subjetividade às Emoções: a antropologia e a sociologia das emoções no Brasil*. Série Cadernos do GREM Nro. 7. Recife: Edições Bagaço; João Pessoa: Edições GREM.

Por *Jainara Gomes de Oliveira* y *Tarsila Chiara Santana*

Universidade Federal de Santana Catarina - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
gomes.jainara@gmail.com - tarsila.chiara@gmail.com

Antropologia e a sociologia das emoções, no Brasil, surgem como campos de estudos autônomos apenas a partir do final da primeira metade da década de 1990 (Koury, 2004), este processo foi impulsionado, principalmente, a partir das influências teóricas e metodológicas da antropologia interpretativa e da sociologia simbólico-interacionista. No entanto, ainda que de forma pouco substancial, as emoções ocuparam as análises pioneiras de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, ainda na década de 1930, que discutiram a constituição de uma identidade nacional brasileira (Koury, 2009).

O livro *Da Subjetividade às Emoções*, nesse sentido, explora o lugar das emoções como objeto de análise das ciências sociais, particularmente da antropologia e da sociologia das emoções no Brasil, a partir de uma leitura das principais obras de dois intelectuais brasileiros, a saber: Gilberto Velho e Mauro Koury. Ambos considerados pioneiros no processo de construção desses emergentes campos de estudos na academia brasileira.

Organizado pelos pesquisadores Mauro Guilherme Pinheiro Koury e Raoni Borges Barbosa, ambos vinculados institucionalmente ao Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções - GREM da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, no Brasil, o livro apresentado faz parte da Coleção Cadernos do Grem e está dividido em dois capítulos, além de uma introdução. O primeiro capítulo, escrito por Mauro Koury analisa a trajetória intelectual

de Gilberto Velho e situa-o como um precursor da antropologia e da sociologia das emoções no Brasil. O segundo capítulo, escrito por Raoni Barbosa, por sua vez, analisa a trajetória intelectual de Mauro Koury e coloca-o como fundador desses campos de estudos no país.

Na primeira parte do livro, Koury discute as noções de *projeto* e de *campo de possibilidades* na obra de Gilberto Velho. Na leitura de Koury, estas categorias são centrais na obra de Velho porque permitem perceber a relação sempre tensa entre *unidade* e *fragmentação* nas *sociedades complexas*. De modo a evitar um “voluntarismo individualista agnóstico ou um determinismo sociocultural rígido” (Velho, 2003: 40), estas noções também possibilitam entender as relações entre biografias individuais e os processos históricos sem, contudo, esvaziar estas biografias das suas particularidades socioculturais. Ou seja, os indivíduos não são produtos de condicionamentos e de determinações sociais, portanto, estes não agem de modo inerte. Pelo contrário, os indivíduos agem através de ações sociais e com base nestas ações reinterpretam situações variadas e as modificam. Contudo, as ações dos indivíduos são limitadas por um quadro sociohistórico, isto é, um *campo de possibilidade* circunscrito. Campo este a partir do qual os indivíduos fazem escolhas e formam suas *curvas de vidas*, ou seja, os seus *projetos* individuais e coletivos.

A noção de *projeto* em Velho, nesse sentido, designa uma conduta organizada para alcançar um

objetivo, assim, esta noção implica um indivíduo que faz escolhas, organiza e projeta caminhos. A noção de *campo de possibilidade*, por sua vez, institui o espaço no qual o indivíduo pode formular e implementar seus *projetos* individuais e coletivos. Este par conceitual, deste modo, assinala à possibilidade de que os indivíduos escolham ou possam escolher projetos individuais e coletivos não depende necessariamente das suas escolhas subjetivas, mas sim das possibilidades históricas e culturais, uma vez que, a experiência individual de cada indivíduo adquire significado particular dentro das regras sociais e culturais.

Elaborar projetos individuais e coletivos, portanto, não satisfaz apenas uma ordem de fatores individuais, mas aponta para toda uma lógica societária de organização da individualidade em um *campo de possibilidades* bastante concreto. É no interior de um *campo de possibilidades*, nesse sentido, circunscrito histórica e culturalmente, que os *projetos* individuais e coletivos podem ser elaborados e construídos. Deste modo, a noção de *projeto*, com todas as suas ambiguidades, implica a possibilidade de mudança individual no interior e a partir de um mapa sociocultural relacional.

Na segunda parte do livro, por sua vez, a análise de Barbosa assinala para a centralidade dos conceitos de *medos* e *medos corriqueiros* na antropologia e sociologia das emoções de Koury. Nesse sentido, o medo apresenta expressões diversas a partir do *ethos* e da *visão de mundo* de cada indivíduo relacional, de modo a perpassar a cultura emotiva de uma sociabilidade dada. Assim, o medo também pode ser analisado a partir do jogo de intencionalidades da ocultação e da revelação de um *segredo*. O medo de quebrar a *confiança* figura, nesse sentido, como um dos principais sentimentos organizadores de uma díade. Deste modo, o medo configura e reconfigura cotidianamente a relação de um indivíduo com os outros relacionais, uma vez que, regula os sentidos e os significados que cada indivíduo confere a conformação ordinária da relação estabelecida.

Os medos e os receios, portanto, possuem uma eficácia formativa no processo de constituição e manutenção de uma díade. Nesse sentido, o medo, a partir da experiência relacional, não pode ser pensado apenas como um gesto de retraimento, ao contrário, sentir medo aponta para o aspecto mobilizador desse sentimento, o qual abre novos caminhos para o indivíduo recriar outras múltiplas possibilidades de viver as suas experiências cotidianas.

Os sentimentos de *incerteza* e *insegurança*, deste modo, vinculam-se intimamente ao medo de ter um segredo revelado publicamente, contudo, antes de indicarem um significado suspensivo da ação, estes sentimentos configuram e estruturam a ação como um processo criador de múltiplas possibilidades, as quais, necessariamente, não implicam uma recusa da ordem dada pela forma de relação assumida entre os indivíduos envolvidos. Sob essa ótica de análise, o medo perpassa, ainda, o processo de escolha e negociação permanente que caracteriza a aventura de ter amigos. A *amizade*, nesse sentido, pode ser entendida como uma experiência relacional, que atua como um sustentáculo para uma forma de sociabilidade mais ampla do que a tradicionalmente dada pelas relações familiares e do parentesco.

A amizade, na análise de Koury, constitui um conceito relacional que envolve a lealdade, a fidelidade, a confiança e o segredo. No entanto, a amizade, como uma relação pessoal que permite revelar os segredos mais íntimos ao outro relacional, envolve, ainda, a noção de traição (Koury, 2014). Esta experiência relacional exige cotidianamente a negociação dos laços de confiança e confiabilidade. Nesta definição conceitual, a confiança pode ser traduzida como um sentimento de segurança íntima de compartilhamento das regras do jogo interacional. A confiabilidade, por sua vez, pode ser interpretada como a ação de conceber ou de conceder confiança entre os indivíduos relacionais em interação (Koury, 2006).

Neste campo de negociação que singulariza os sentidos objetivados de continuidade dos laços de amizade, o segredo figura como um componente individualizador nas relações sociais de diferenciação pessoal, que acentua e organiza estilos de vida e individualidades. Esta significação sociológica do segredo possibilita entender, deste modo, como as moralidades são organizadas no cotidiano das experiências de amizade e como se configuram as regras de compartilhamento que orientam a ação do indivíduo em relação ao outro e aos externos da relação. Nesse sentido, ao analisar o campo de vulnerabilidades produzido em um processo de amizade, Koury (2014) problematiza a tensão que caracteriza a intencionalidade ou não-intencionalidade da ocultação e da revelação do segredo.

No processo contínuo de ocultação, preservação e elaboração da face, deste modo, a positividade do segredo como bem simbólico, em

uma cultura emotiva dada, aponta para a confiança e a confiabilidade depositada no outro da relação. As emoções confiança, confiabilidade e segredo, assim, remetem ainda ao medo da traição e da insegurança individual, o que, por sua vez, implica a necessidade de controle dos processos de reciprocidade, lealdade e fidelidade.

Isto posto, os dois capítulos que estruturam este livro resenhado, assim, permitem assinalar que tanto Velho quanto Koury discutem a relação entre cultura subjetiva e cultura objetiva na construção da realidade social. Nesse sentido, ambos elucubram sobre os modos e estilos de vida emergentes em uma conformação social particular: a modernidade brasileira e ocidental. Com isto, o livro coloca em relevo a importância das emoções para o entendimento da relação entre indivíduo e sociedade, particularmente a tensa relação entre os estilos de vida e os processos de individualização em sociedades complexas.

No que diz respeito à singularidade da contribuição de cada um deles, ambos estabelecem estimulantes diálogos com o interacionismo simbólico e a fenomenologia. No entanto, apesar de sublinhar as grandes proximidades entre as linhas analíticas construídas por ambos, os dois capítulos também procuram evidenciar as diferenças teóricas e metodológicas entre Velho e Koury, em função de suas experiências particulares e prioridades pessoais ao longo das suas carreiras.

Nesse sentido, a partir dos seus estudos sobre as camadas médias no Brasil urbano contemporâneo, especialmente da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, Velho coloca em relevo a problemática dos processos tensionais entre indivíduo e sociedade, particularmente a temática da unidade individual e social e da fragmentação nas sociedades complexas. O que não o conduz, entretanto, à análise de emoções específicas no jogo interacional entre indivíduo, cultura e sociedade, mas, o que faz de Velho autor relevante para o entendimento das tensões relacionais entre indivíduo e cultura em uma sociedade complexa.

Koury, por sua vez, com os seus trabalhos sobre os modos e estilos de vida emergentes e a

problemática do processo de formação do indivíduo e da individualidade, e, sobretudo, na modernidade brasileira e pessoense, de modo particular, coloca as emoções como lugar central no quadro teórico e metodológico por ele edificado. Os seus escritos, assim, mobilizam quatro teóricos e oferecem suportes interpretativos aos campos emergentes da antropologia e da sociologia das emoções no Brasil.

A originalidade deste livro, nesse sentido, encontra-se nas articulações analíticas entre emoções, cultura e sociedade como objetos de análises. A partir dos paradigmas da antropologia e da sociologia das emoções, portanto, devemos ressaltar também a sua significação histórica à consolidação desses campos de estudos no Brasil, principalmente por resgatar o processo de construção das emoções enquanto categorias analíticas das ciências sociais. Ressaltamos, por fim, que Velho e Koury são hoje autores fundamentais dentro da antropologia e da sociologia das emoções no Brasil, particularmente nos estudos que lidam com a problemática das sociedades complexas e da heterogeneidade.

Bibliografia

- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2004). *Introdução à sociologia da emoção*. João Pessoa: Manufatura.
- _____ (2009). *Emoções, cultura e sociedade*. Curitiba: RCV.
- _____ (2014). *Estilos de vida e Individualidade: Ensaios em Antropologia e Sociologia das Emoções*. Curitiba: Appris.
- VELHO, Gilberto. (2003). *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____ (2012 [1997]). *Individualismo e cultura*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Citado. GOMES-DE-OLIVEIRA, JAINARA Y TARSILA, CHIARA SANTANA (2016) "Emoção, sociedade e cultura na sociabilidade urbana brasileira" en Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad - RELACES, N°21. Año 8. Agosto 2016-Noviembre 2016. Córdoba. ISSN 18528759. pp. 102-104. Disponible en: <http://www.relaces.com.ar/index.php/relaces/article/view/440>.

Plazos. Recibido: 01/03/2016. Aceptado: 26/06/2016.